



N.º 167—Lisboa, 3 de Novembro

6.º ANO

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 2\$000 rs. Brazil, anno 52 numeros 3\$000 rs.
Semestre, 26 numeros 1\$000 rs. Africa e India Portuguesa, anno 3\$000 rs.
Cobrança pelo correto 500 rs. Estrangeiro, anno, 52 numeros 3\$000 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data:
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

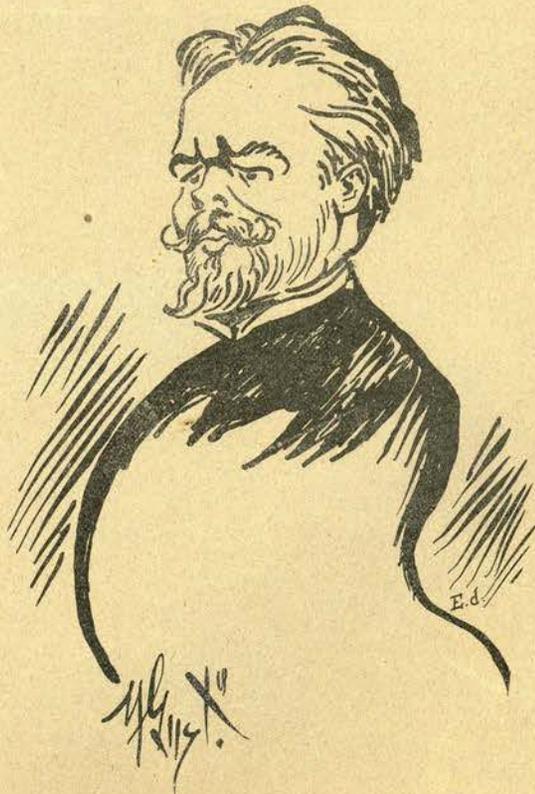
“A EDITORA,”

L. do Conde Barão, 50

Ordem do dia

A. J. d'A.

*Democracia lyrica á ma-
neira de 30 e de 48.
Fronte aureolada.
Fuba.
Olheira.
Uma pontinha de febre.
Sonha destinos heroicos.
Falla em morrer.*



VÊR PROSPECTOS E ALBUNS-ESPECIMEN

COM AS

Condições de assignatura

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Romance de Julio Diniz



Grande Edição de Luxo
com Illustrações de
Roque Gameiro
"A EDITORA"

ASSIGNATURA PERMANENTE
CONDE BARÃO-50 - LISBOA

Condições de assignatura

COM AS

VÊR PROSPECTOS E ALBUNS-ESPECIMEN

A edição illustrada do romance "As Pupillas do Senhor Reitor" é uma das mais grandiosas que de um romance portuguez se tem emprehendido em nossos dias.

Para se fazer ideia do valor d'este romance, basta lêr-lhe as primeiras paginas, e conhecer a reputação que o nome do seu auctor goza no estrangeiro, onde as suas obras têm sido traduzidas e contam successivas edições.

No decorrer da acção d'este bello romance, vemos reproduzida, em soberbos quadros d'um realismo surpreendente, que nos deslumbram e nos seduzem, como se fossem executados pela paleta d'um verdadeiro artista, toda a nossa provincia do Minho, a ponto de nos julgarmos transportados a essa bella parcella do nosso Portugal, tão pittoresco pelos seus usos e costumes, já hoje tão deturpados pelos modernos francezismos, o que a par do seu entrecho encantador, torna o romance um valioso documento da historia da nossa civilização.

A parte artistica da edição é simplesmente bella. As gravuras, em quantidade numerosissima, reproduzem as principaes e mais pittorescas scenas do romance, para o que bastará o nome consagrado do grande aguarellista portuguez Roque Gameiro, para as recomendar pela sua execução primorosa visto a correccção com que se distinguem os trabalhos d'este reputado artista. A grandeza da paizagem, o pittoresco dos logares, o poetico das principaes scenas, tudo ali se reproduz com arte superior, com inexcédível talento, por uma forma tão originalmente portugueza e tão cheia de magia que nos julgâmos palpando quanto vêmos e admirâmos. N'este genero de trabalho, não será exaggero o consideral-o de incomparavel belleza.

ASSIGNATURA PERMANENTE

para todo o Continente. Ilhas, Africa e Brazil



PARODIA

N.º 167 — LISBOA, 3 DE NOVEMBRO

6.º ANO
906

FUNDADOR

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. Brazil, anno 52 numeros 50000 rs.
Semestre, 26 numeros 15000 rs. Africa e India Portuguesa, anno : 25000 rs.
Cobrança pelo correio 51000 rs. Estrangeiro, anno, 52 numeros 35000 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre accellam-se em qualquer data: tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composiçao e impressão

“A EDITORA,”

L. do Conde Barão, 50

O espolio de Marianno de Carvalho



O barril do lixo

Carta a El-Rei

Acabamos de ler a carta de V. M., annunciada com bravura na camara baixa e tão impacientemente esperada como o não foi a propria carta outorgada pelo senhor D. Pedro IV, augusto avô de V. M. Acabamos de a ler, com uma curiosidade, senhor! muito mais litteraria do que politica, porque o que nos interessa a nós, estreitos homens de letras, não é conhecer o rei nas suas relações com o reino, mas conhecer o homem nas suas relações com a humanidade, e sabemos nós porventura quem é o homem que está dentro de um rei?

Ter occasião de o saber é uma occasião rara!

O rei é alguém para os seus familiares. Para nós que não o conhecemos senão de o ver passar na sua carruagem, fazendo com o indicador e o annelar uma enfasiada continencia á policia civil, o rei é um enygma.

O rej humano nunca nos apparece. O que vemos no seu logar é tão ficticio como a propria ficção que elle representa. O povo fanatisado pela tradição monarchica suppõe-n'o de oiro macisso. Nós temos muitas vezes a impressão de que elle é occo e que na realidade tudo o que d'elle veridicamente existe é o manto que o cobre, o sceptro que empunha, a corôa que lhe pousa na cabeça e que o mais é de verga, como os manequins de modista. Não repare V. M. na desinvoltura dos nossos *similes*. Esta é a nossa impressão.

V. M. fala. Fala na abertura das côrtes e em uma ou outra sessão da Sociedade de Geographia; mas ainda então não modifica o character das superstições que nos inspira, porque mesmo quando fala e emite uma voz humana, não o faz como um homem, mas como uma ficção. V. M. fala, mas os pensamentos que exprime, como as proprias palavras que os interpretam não são seus. V. M. fala, mas não faz mais nada. Tudo o que n'essas circumstancias dá, que seja verdadeiramente seu, é — a voz, que é optima, mas tanto mais insufficiente para apreciarmos o character da sua personalidade, quanto V. M. não nos permittiu

ainda ouvil-o recitar o discurso da corôa, sobre os motivos dos *Puritinos*.

Assim V. M. continuaria sendo para nós esse enygma que é quasi sempre um soberano hereditario, sem a publicação das suas cartas e particularmente d'aquella que acaba de chegar ao conhecimento publico, por intermedio do ferro-velho que a vendeu ao sr. Brito Camacho. Graças a essa carta, V. M. approxima-se de nós, torna-se evidente, torna-se intelligivel, torna-se emfim humano.

Diz um perspicaz moralista italiano que quando o homem descobre um erro de orthographia n'uma carta de mulher é mais feliz do que se descobrisse um diamante n'um rio, significando assim que o homem se sente intimamente regosijado, sempre que descobre um lado fraco n'essa soberania que é a da mulher. E' a sua desforra.

A carta de V. M. não nos revela o homem pelo facto de elle nos apparecer dentro d'ella com as suas paixões, os seus interesses, as suas anciedades, os seus receios, o seu espirito de combate, o seu instincto de defeza. O homem, para nós, está no erro de orthographia. Está n'esse verbo *acabar* que V. M. escreveu com dois *cc* e que o põe inteiramente á nossa mercê. Ahi é que o homem apparece, fraco, debil, desarmado, não sabendo apesar de todo o seu poder, como se escreve *acabar* e acabando por escrever, não como escreveria um rei, mas como escreveria o ultimo dos seus soldados.

Não pense V. M. — não o pense! — que nós fazemos politica com um erro de orthographia. Isso é para os facciosos da politica e da grammatica. O sr. França Borges talvez lh'o leve a mal; talvez lh'o leve a mal o sr. Candido de Figueiredo. Nós rejubilamos e quasi somos gratos a V. M. por nos ter proporcionado esse prazer. A nossa alegria não é uma alegria diabolica. E' uma alegria sympathica. Descobrimos o erro de orthographia que V. M. deixou escapar na sua carta e batemos palmas de infantil contentamento. V. M. tem o throno, a corôa, o sceptro, o manto, a lista civil e um camarote

de graça em todos os theatros, mas não tem orthographia. V. M. é um homem e por tal forma é um homem como todos os homens que, inclusivamente, como tantos, não sabe escrever. Deram-lhe um poder immenso e não lhe deram simplesmente um dictionario.

Mas a carta de V. M. claudica em outros pontos, que á nossa attenção de homens de letras mereceram uma analyse especial.

V. M., por exemplo não divide por meio de signaes orthographicos a sua escripta. V. M. ignora o emprego do ponto final, do ponto e virgula e, bem assim, dos dois pontos. N'uma palavra, V. M. é omisso na pontuação, o que dá ao seu texto um aspecto absolutamente cahotico. V. M. abusa das copulativas, como por exemplo n'esta parte da carta a que nos estamos referindo — «... e que é bem escripto e em bom sentido e é destinado, etc.» defeito este que imprime á palavra escripta a flatulencia de um folle furado. V. M. exprime se sem propriedade. Assim diz «fonte fidedigna» V. M. quiz talvez dizer — *origem fidedigna*, ou então — *boa fonte*, *fonte limpa*, *fonte pura*. V. M. comprehende que não ha fontes *fidedignas*, ou *dignas de fé*, nem mesmo methaphoricamente. V. M. é pleonastico quando diz: «E' preciso acharmos um meio de contrapôr a esta propaganda uma outra; *em sentido contrario*.» Desde o momento que V. M. *contrapõe*, já se vê que é *em sentido contrario*. Por outro lado, a syntaxe de V. M. não é solida. A construcção, por exemplo, que estamos analysando, não resistiria a um dia de vento.

Resumindo: a carta de V. M., longe de nos indispôr, reconciliou-nos. A soberania de V. M., para nós, só seria antipathica se fosse uma soberania intellectual. Um rei-homem de genio, não o supportariamos. Sem genio, nós pelo menos, supportamol-o perfeitamente. E' apenas um rei e esse mesmo tendo á perna o partido republicano, e — a camara dos pares.

João RIMANSO.

Cá e lá...

Exibe-se actualmente no Eldorado, que vem a ser o Liborio de Paris, um phenomeno que lá acham muito curioso: trata-se de um cão que imita a voz humana na perfeição.

O bicho, mal sobe o panno, entra no palco, faz uma venia ao respeitavel — o publico, em Paris, tambem é respeitavel — sobe para uma cadeira e põe-se a dizer coisas ás gentes embasbacadas.



Parece que inflexiona primorosamente, como se fosse actor em D. Maria, e acompanha o discurso com gestos muito adequados de rabo e movimentos de orelhas.

Este phenomeno, como lhe chamam os parisienses, tem causado grande sensação.

Bem se vê que estes parisienses nunca viram nada, coitados!

Pois fiquem-se com o seu phenomeno, que ninguem lh'o trará para Portugal.

Sim, francezes de uma figa. N'uma terra em que ha homens que ladram nunca causaria admiração um cão que falasse.



Recortamos de um jornal:

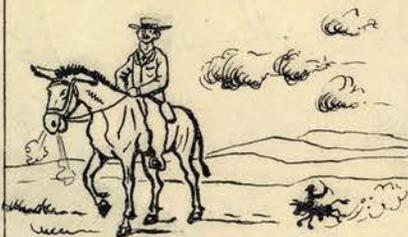
«Teem notado alguns continuos da camera dos deputados que os policias mandados para as galerias escarram como umas bestas.»



Estes policias que escarram como umas bestas fazem lembrar umas bestas que escrevem como policias.



Dois jornalistas hespanhoes, redactores da *Espana Nueva*, resolveram ir a Paris. em burro.



Ninguem dirá que a ideia não é original, a não ser algum burro por natural instincto da solidariedade.

Fazemos votos pela feliz viagem dos collegas hespanhoes, pedindo a Deus que não encontrem pelo caminho algum automovel que os obrigue a jornada um pouco maior a irem parar ao Outro Mundo, onde todos somos eguaes, homens e burros.



Como o *Liberal*, cujo director é o Julio Verne do nosso jornalismo, tivesse phantasiado um proximo ministerio em que entraria o sr. Dantas Baracho como titular da pasta da guerra, o *Mundo*, devidamente auctorisado, declarou «que o digno par se encontra no mais completo isolamento politico, com o que muito folga e de tal situação não quer sahir, nem para o Paraíso.»

— Eva, pode voltar-se para a parede!



Um jornal provinciano publicava ha dias o seguinte annuncio:

«Pede-se ao sr. Manuel Gonçalves, alfayate, que mande pagar o annuncio elogio que mandou publicar n'este jornal, respeitante á sua propria pessoa.»

Vê-se que a moda já chegou á provincia, mas que a imprensa, lá, usa processo mais pratico e diametralmente opposto ao da de Lisboa.

Cá publicam-se os elogios todos mas — valha a verdade — não se leva dinheiro por isso.

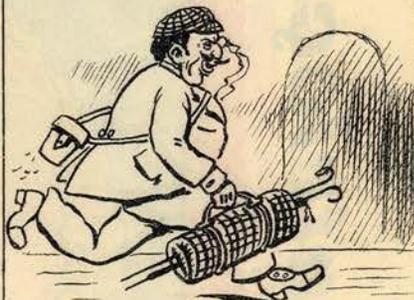
Um sujeito chega a uma redacção e pede encarecidamente, por alma dos defunctos de todas as pessoas presentes, que lhe publiquem a noticiinha,

que é, pouco mais ou menos, isto:

— Regressou a Lisboa o nosso illustre amigo F.



— Partiu para o estrangeiro o distincto sportmen Z.



— Tem passado incommodado com rheumatismo o brilhantissimo escriptor B.



Accetam o papelinho, promettem e fazem a publicação e não recebem dinheiro.

Mas ainda o homem vae na escada, desatam todos a berrar:

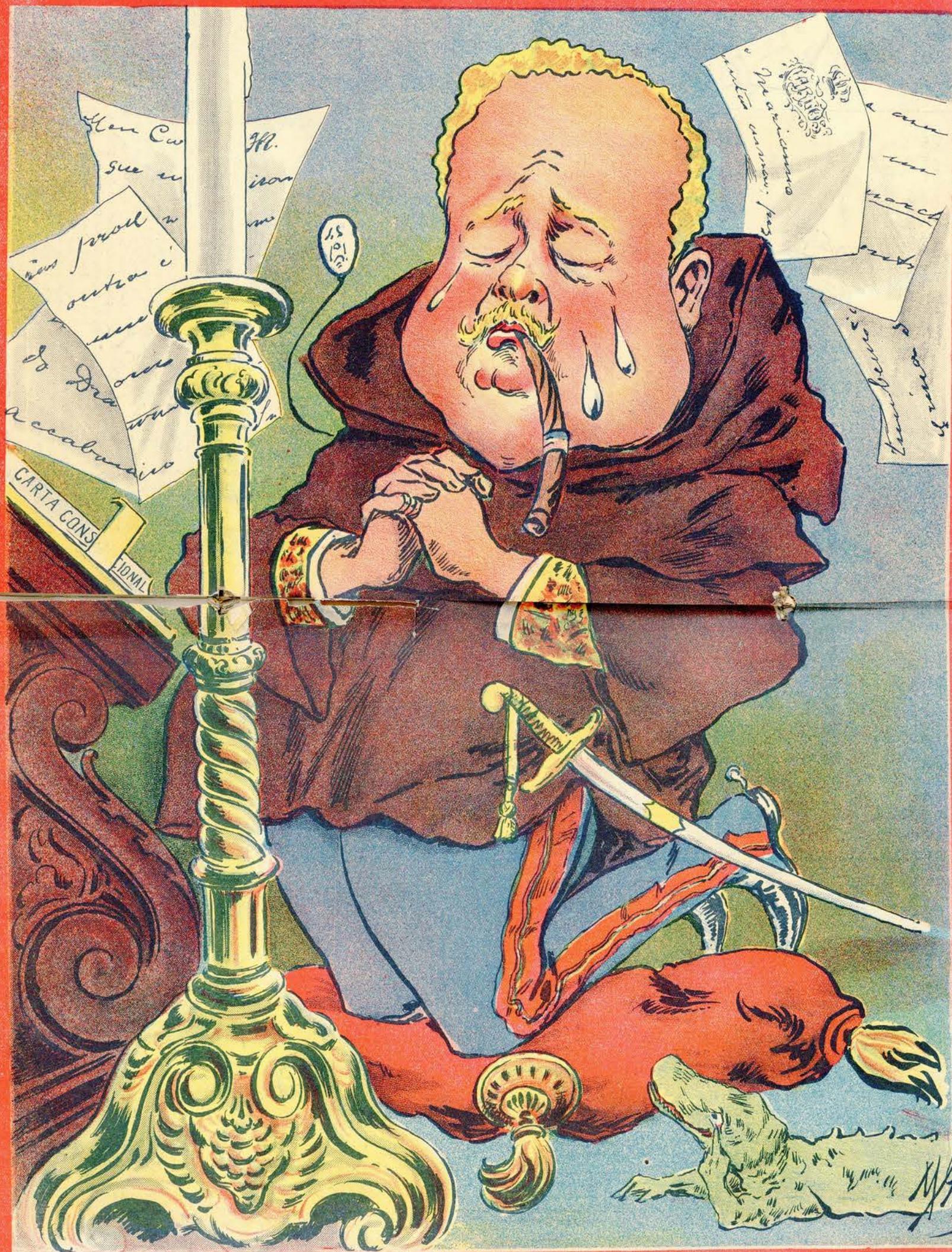
— Ora a grandissima besta!



Hão de convir que não é caro e é justo.



Acto de Contrição

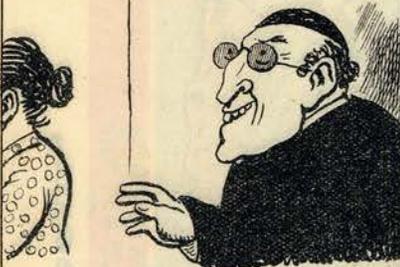


“Os erros que de longe veem,,

Um correspondente do Porto, muito indignado com os liberaes que pedem contas ao sr. Patriarcha do telegramma ao arcebispo Richard, diz:

«Enfileiramos com aquelles que não julgam o sr. Patriarcha capaz de violar as leis do paiz...»

Pedimos licença para tambem enfileirar. Sua Eminencia é incapaz de violar seja o que for.



Tomara elle que o deixem.
Chão que deus uvas.



Uma revista scientifica ingleza publica um artigo devers interessante sobre *A Lagrima e o Riso*.

Depois de muita trapalhada que não vem para o caso — mas convem dizer para arreliar os poetas lyricos que bebem as lagrimas das suas amadas, que a lagrima, segundo essa revista, se compõe de agua e chloreto de so-

dio, que é como quem diz sal de cosinha — a revista em questão conta o caso singular de um amator de theatro que chorava sempre quando ouvia uma celebre tragica e que n'uma dada occasião não chorou por ter verificado que lhe esquecera o lenço de assoar.

E acrescenta: Este facto é interessante, porque prova que a necessidade de verter pranto pode ser dominada pelo sentimento da difficuldade de o fazer.

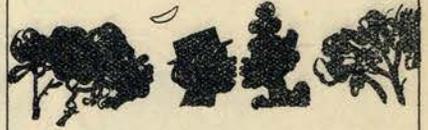
Assim é, mas infelizmente apenas com o pranto. Se a difficuldade de verter outra qualquer coisa dominasse a nossa vontade, não era a policia que apanhava multas de dois mil réis a toda a hora e a todos os cantos.



A camara municipal de Lisboa está muito assaralhopada, não sabendo que fazer relativamente á abertura do jardim de Santa Clara, á noite, pedido que lhe foi dirigido pelo sr. Ferreira da Silva, que sabemos não ser o actor do mesmo nome.

A camara mandou o pedido a informar á repartição competente, declarando esta que não via inconveniente na abertura do jardim, á noite, mas que a illuminação custaria um bom par de vintens.

Parece que a camara resolveu a principio abrir o jardim ás escuras, o que teria seus inconvenientes para uns e seria de grande inconveniencia para outros.



Mas depois quiz ouvir o seu advogado syndico, que respondeu: «Em outro qualquer jardim poderia prescindir-se de illuminação; mas não é razoavel que esteja ás escuras um jardim que se diz de Santa Clara.»

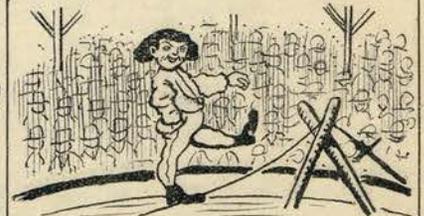
Assim, só vemos um remedio para o caso: E' chrismar o jardim com o nome de alguma santa preta.



O sr. visconde de S. Boaventura celebrando com um artigo, nas *Novidades*, o 167.º anniversario da morte de Antonio José da Silva, o *Judeu*:

«Era eximio na corda que lhe convinha vibrar.»

Era. E tanto que chegou a trabalhar no Colyseu.



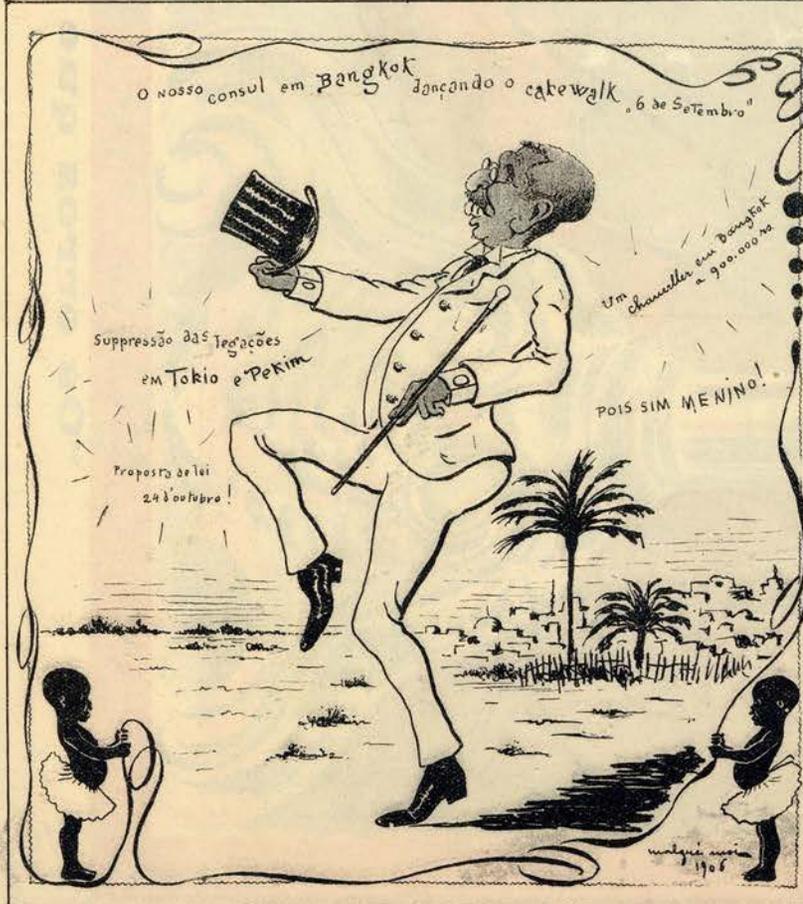
E depois de uma judiaria d'estas ha-de a gente acreditar que o sr. visconde é que é de S. Boaventura e que o Antonio José é que era o judeu.



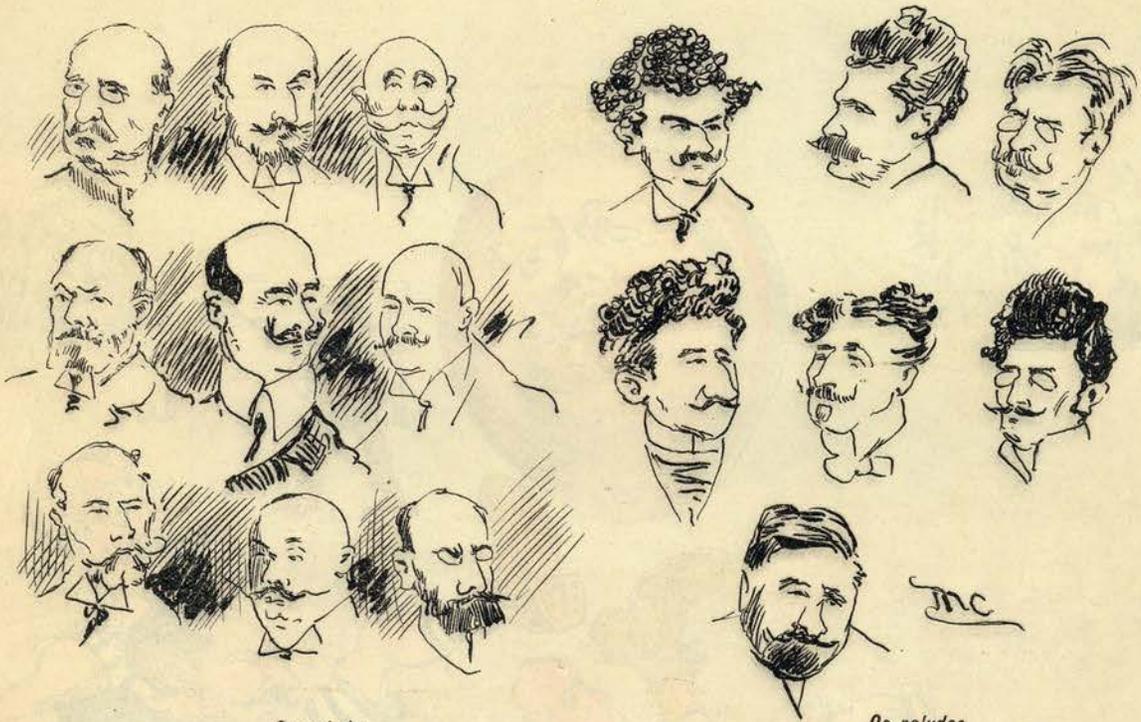
Aqui temos nós um caso bem ratão: o Capitulo da Companhia de Jesus, em Roma, a deliberar sobre as medidas que convirá adoptar para pôr um dique ás tendencias liberaes de alguns jesuitas.

Pedimos licença para notar que o Capitulo deu por essas tendencias liberaes depois de o sr. João Franco ter subido ao poder.

Vae ser bonito. D'aqui a dois dias começam a pedir cartas uns aos outros:



A Camara vista pela cabeça



Os pelados

Os peludos

Na bastilha



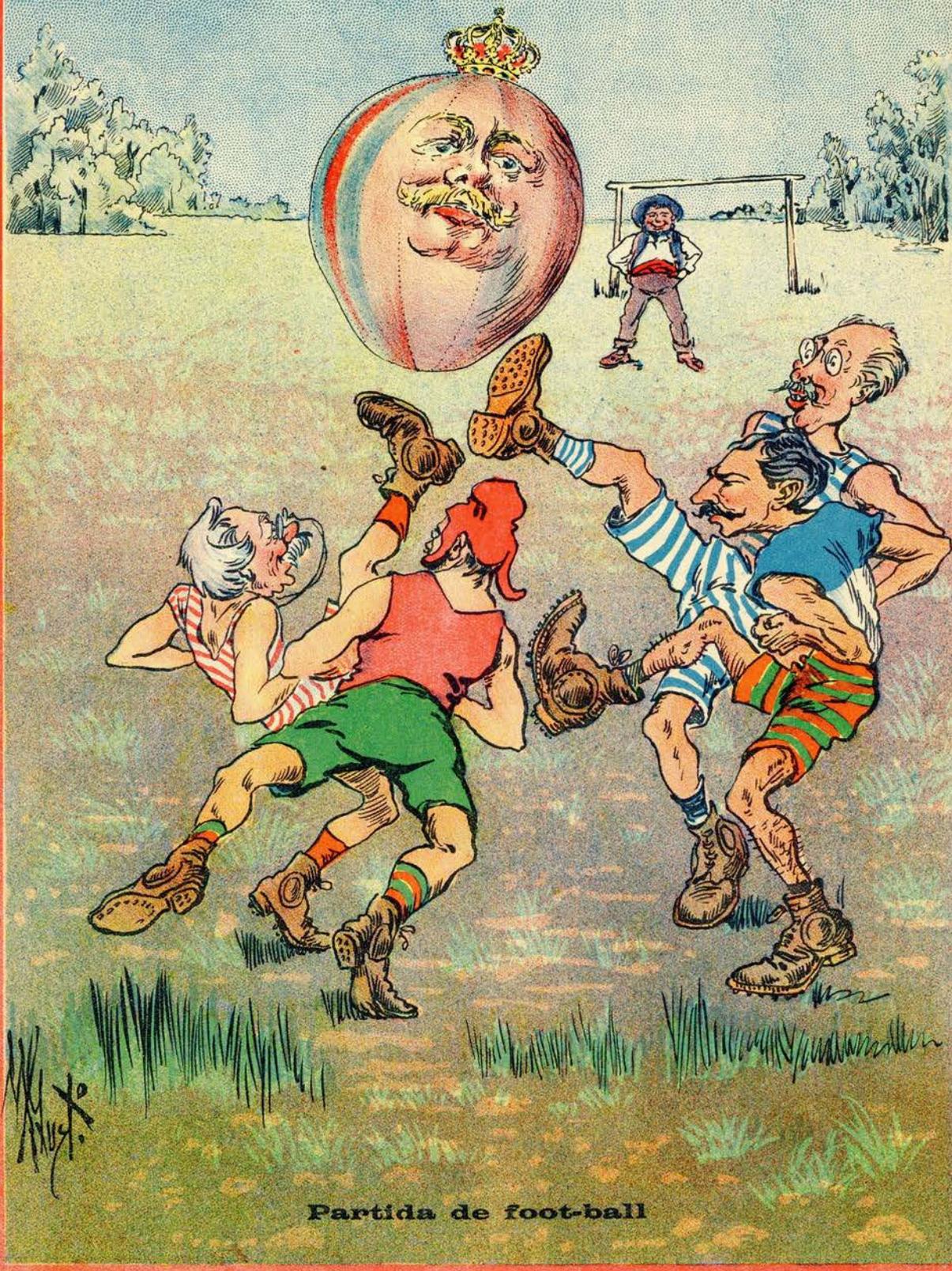
— Então você já está decidido a fallar?
 — Não posso, sr. juiz, não vê que te-
 nho as mãos atadas?

A Carta da semana



— Cá está ella!

PARTIDOS POLITICOS



Partida de foot-ball

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa
ITINERARIO

Lisboa..... (Part.)	1	7	22	Beira	11/12	--	--
Madeira	3	9	--	Lourenço Marques ..	14/16	--	--
S. Vicente	--	13	--	Mossamedes	--	9	22
S. Thiago	--	14/15	28/29	Benguella	--	10/11	23/24
Príncipe	--	23/24	7	Lobito	--	12	25
S. Thomé	13	25/27	8/10	Novo Redondo	--	13	26
Cabiada	--	29	12	Loanda	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	--	30	13	Ambriz	--	17	30
Ambriz	--	30	14	St.º Antonio do Zaire	--	18	31
Loanda	16	1/3	15/16	Cabinda	--	18	2
Novo Redondo	--	4	17	S. Thomé	28	20/22	4/6
Lobito	--	5	18	Príncipe	--	23	7
Benguella	--	6/7	19/20	S. Thiago	--	1	15
Mossamedes	--	8/9	21/22	S. Vicente	--	--	16
Lourenço Marques ..	25/2	--	--	Madeira	9	--	20
Beira	4/5	--	--	Lisboa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Mocambique	7/9	--	--				

VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambezia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Sede da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 = LISBOA

FAZEM-SE TRABALHOS D'AMADORES

DEPOSITARIOS DAS FABRICAS ALEMAES, FRANCIZAS E INGLEZAS

QUATRO ANOS DE EXPERIENCIA

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

WORM & ROSA

GRANDE SORTIMENTO DE MACHINAS, ACCESSORIOS E ARTIGOS PARA PHOTOGRAPHOS AMADORES E PROFISSIONAES

135, Rua Bella da Rainha, 137

LISBOA

QUARTO ESCURO PARA OS CLIENTES

COMPAGNIE

DES

Messageries Maritimes

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.

Atlantique, commandante Le Troadec, que se espera de Bordeaux em 29 de outubro.

Para S. Vicente, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres

Sinai, commandante... que se espera de Bordeaux em 6 de novembro.

Preço da passagem em 3.ª classe de Lisboa para o Brazil, 37\$000 réis.

Preço da passagem em 3.ª classe de Lisboa para Montevideu e Buenos-Ayres, 42\$000 réis.

Para Bordeaux, em direitura

Magellan, commandante Dupuy Fromy, que se espera do Brazil em 1 de novembro.

Esmeralda, commandante Monton, que se espera do Brazil de 11 a 12 de novembro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações trata-se na Agencia da companhia — 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.ª.

Os Agentes,

Sociedade Torlades

32, Rua Aurea.

EMPRESA DA

da

Fabrica de Vidros nas Lobatas, L.

FABRICA: Na Amora, Quinta das Lobatas

ESCRITORIO: Praça do Municipio, 11, Lisboa

Garrafas de diversos typos e garrafões empalhados

Grande fabrico de

GARRAÇÕES QUADRANGULARES

Em vidro ou empalhados de 20 ou 25 litros



